COLÔMBIA

Emboscada contra a paz

Ataque com explosivos deixa nove soldados mortos e oito feridos, no nordeste do país. Governo culpa o Exército de Libertação Nacional (ELN) e ameaça romper o diálogo com a guerrilha. Especialistas veem riscos às negociações para um cessar-fogo

» RODRIGO CRAVEIRO

Luis Robayo/AFP



Membro da Frente Ocidental "Omar Gómez", do ELN, carrega metralhadora, às margens do Rio San Juan, no estado de Choco

Os soldados de uma base do Exército situada na área rural do município de El Carmen, no departamento (estado) de Norte de Santander (nordeste da Colômbia), vigiavam o oleoduto Caño Limón Coveñas, o mais importante do país, quando tudo ocorreu. Às 3h de ontem (5h em Brasília), guerrilheiros do Exército de Libertação Nacional (ELN) atacaram o contingente com explosivos. O maior atentado desde a posse do presidente Gustavo Petro, em 7 de agosto do ano passado, matou nove militares e feriu oito. Petro externou "repúdio total" ao ato. "Sete soldados que prestavam seu serviço militar e dois suboficiais, soldados da nação e do governo da mudança, assassinados por aqueles que hoje estão absolutamente afastados da paz e do povo", escreveu no Twitter.

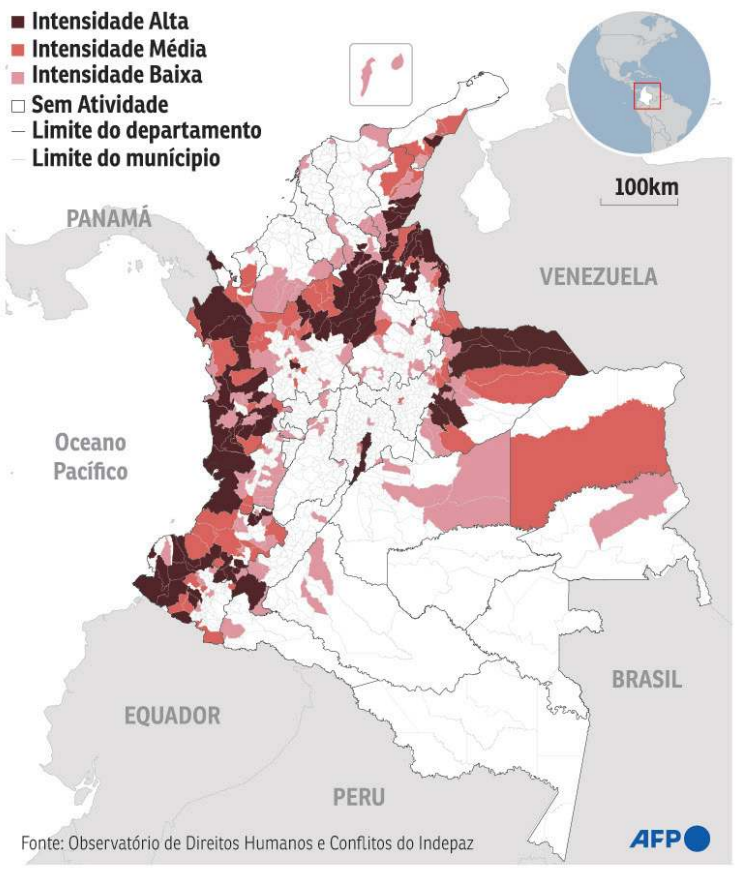
Pouco depois, convocou os negociadores de paz com o ELN a "examinar" o "grave" ataque. "Convoquei para uma consulta a delegação do governo, países fiadores e acompanhantes. Um processo de paz deve ser sério e responsável com a sociedade colombiana", declarou. Danilo Rueda, conselheiro presidencial de paz, não descartou suspender as negociações com a guerrilha.

O ex-presidente Álvaro Uribe, conhecido por atuar com mão-de-ferro contra as Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia (Farc) — guerrilha desmobilizada em 2017 —, não poupou críticas a Petro e ao antecessor Juan Manuel Santos. "Como dói o assassinato dos soldados da Pátria. Dói-me que a Colômbia tenha abandonado a segurança, que a tenha substituído pela sinuosa vaidade do Nobel (Santos) ou pela pressão para 'desmarcar-se de Uribe'", ironizou, ao pedir a reestruturação da política de segurança.

Professor de ciência política da Pontificia Universidad Javeriana e da Universidade del Bosque (em Bogotá), Andrés Felipe Ortega Gómez afirmou ao **Correio** que o atentado em El Carmen pode colocar em xeque a política de negociações de paz. "Há um problema grave com o ELN. A guerrilha possui uma estrutura altamente descentralizada no campo militar. Ela opera de forma totalmente distinta, dependendo do lugar em que estiver. Isso se explica porque é tão difícil avançar nas conversas de paz com os rebeldes", disse. "A magnitude e as características do atentado o tornam o maior desafio para o governo Petro. O ataque mostrará até que ponto existe boa vontade das autoridades em avançar no diálogo."

Segundo Gómez, a estratégia de paz do governo Petro não é muito clara. "Tudo parece um pouco improvisado. As negociações buscam ver como as coisas avançam, com calma. Outro problema é que a política de paz não está ligada a uma política de segurança", observou o estudioso. "Não existe uma estratégia de governo que permita levantar quais são as linhas claras da iniciativa do Estado para combater os grupos criminosos, em um primeiro momento."

Por sua vez, Andrés Macías Tolosa — professor emérito da Universidad Externado de Colombia (em Bogotá) — admitiu à reportagem que o ataque de ontem põe em dúvida o desejo real de paz do ELN. No entanto, ele entende ser preciso levar em consideração outros elementos. "Por um lado, não existe uma cessação bilateral das hostilidades, que tenha sido formalizada e protocolizada por ambas as partes. Na prática, as negociações ocorrem no meio do conflito. Por outro lado, a estrutura do ELN não é piramidal, como se via nas Farc. É possível que um grupo do ELN, que não esteja totalmente de acordo com o processo de negociação, seja responsável pelo atentado."



Equívoco

Tolosa aponta que o erro do governo Petro foi o de praticamente suspender, unilateralmente, as ações armadas contra o ELN, enquanto sentava-se à mesa de negociações. "Dialogar sem uma pressão militar sobre o ELN foi o principal equívoco", ponderou. Professor de governo na mesma universidade de Tolosa, Alejandro Bohorquez-Keeney lembrou que, em todo o processo de paz, células de grupos insurgentes não demonstram comprometimento com o cessar-fogo. "Ao contrário das Farc, que tinham origem camponesa, o ELN saiu das salas de aula, é uma guerrilha bastante ideológica e dogmática. Por isso, tem sido tão difícil negociar com ela, inclusive em momentos de fragilidade", explicou ao **Correio**.

Bohorquez-Keeney entende que o ELN não mostra a mesma força de outros grupos armados, como o Movimento 19 de Abril (M-19) ou as Farc, mas se revela recalcitrante. "Para o ELN, é tudo ou nada. Eles não estão muito convencidos de saírem derrotados e, por isso, resistem em assinar um acordo de paz quando veem uma chance de ganhar. A negociação será muito difícil", previu. O especialista acredita que, com o atentado de ontem, os guerrilheiros buscaram enviar uma mensagem ao governo de que o grupo segue de pé e é capaz de causar danos ao Estado. "É como se fosse um cão mostrando os dentes."

Por telefone, Camilo González Posso — presidente do Instituto de Estudios para el Desarrollo y la Paz (Indepaz, em Bogotá) e membro da Comissão Nacional de Garantias de Segurança para a Paz — avaliou que o ataque em El Carmen foi um protesto político do ELN. "Na mesa, falam em reconhecer que o governo Petro é de esquerda, dotado de uma política progressista, e prometem desescalar as ações militares. Enquanto isso, intensificam as hostilidades e os combates a unidades militares. Foi um crime atroz, uma emboscada, que criou um ambiente perverso e prejudicial à mesa de negociações", alertou ao **Correio**.

Eu acho...



"Mesmo que as negociações de paz não sejam interrompidas, o atentado deveria levar o governo a reconsiderar a necessidade de retormar as ações armadas contra o ELN. Para sentar e negociar, é preciso que haja um maior nível de pressão militar por parte do governo. Isso tem faltado ao processo de negociação. A guerrilha ELN sempre tem cometido vários ataques e intervenções constantes, como sequestros e ações armadas. Neste momento, não existe a cessação formal das hostilidades."

Andrés Macías Tolosa, professor da Universidad Externado de Colombia (em Bogotá)



"A irresponsabilidade do ELN coloca pressão ao governo de Petro, que trabalha por uma solução política negociada e pretende chegar a acordos, além de fazer transformações. Com esse ambiente, o ELN obriga as autoridades a repensarem sua agenda e a colocar, como primeiro ponto, o fim das hostilidades e dos ataques à população civil. Este é um momento crítico, principalmente pela perda de credibilidade, que pode afetar um acordo de paz neste momento. Creio que a crise será superada. Mas, de crise em crise, podemos chegar a um enorme tropeço."

Camilo González Posso, presidente do Instituto de Estudios para el Desarrollo y la Paz (Indepaz, em Bogotá)

IGREJA CATÓLICA

Papa é hospitalizado com infecção respiratória

O papa Francisco, 86 anos, deu entrada no Hospital Gemelli (em Roma), onde ficará internado por "vários dias" para tratar uma "infecção respiratória", afirmou o Vaticano. "Nos últimos dias, o papa Franciso queixou-se de dificuldades para respirar. Nesta tarde (ontem), ele compareceu ao Hospital Gemelli para fazer alguns exames médicos. O resultado mostrou uma infecção respiratória, excluindo a infecção pela covid-19, que exigirá alguns dias de tratamento médico hospitalar adequado", declarou Matteo Bruni, diretor do Escritório de Imprensa da Santa Sé.

De acordo com Bruni, o pontífice está "comovido" pelas muitas mensagens recebidas e manifestou "gratidão pela solidariedade e pelas orações". A conferência episcopal italiana foi uma das primeiras a enviar a Francisco uma mensagem de "rápida recuperação", e convidou as pessoas a rezar pela saúde do pontífice.

A hospitalização inesperada do líder católico despertou dúvidas sobre o seu real estado de saúde. As audiências dos próximos dias foram canceladas e não se sabe se Francisco poderá celebrar a missa do Domingo de Ramos, em 2 de abril, além das cerimônias da Semana Santa, que costuma liderar. Entre 28 e 30 de abril, o pontífice tem marcada uma viagem à Hungria, onde participará de uma "jornada apostólica".

Fontes do centro médico informaram que o religioso chegou em uma ambulância, depois de apresentar problemas cardíacos e respiratórios, e que passou por uma tomografia computadorizada. Francisco, que comemorou 10 anos de pontificado em março, participou da audiência geral na manhã de ontem, na Praça de São Pedro, durante a qual apareceu sorrindo, enquanto cumprimentava os fiéis de seu "papamóvel". No entanto, segundo os fotógrafos da agência France-Presse, ele se movimentava com dificuldade e parecia sentir fortes dores.

Jorge Mario Bergoglio, que adotou o nome Francisco ao ser escolhido para liderar a Igreja Católica, usa uma cadeira de rodas desde maio de 2022, devido a uma artrite no joelho direito. Em julho de 2021, passou 10 dias no hospital Gemelli para uma delicada operação de cólon. O papa explicou, mais tarde, que este procedimento o deixou com "sequelas". Por isso, decidiu descartar a cirurgia no joelho, conforme aconselhado por seus médicos.

Vincenzo Pinto/AFP



Francisco recebe ajuda para se levantar do papamóvel, ao fim da tradicional audiência geral, na Praça de São Pedro, pouco antes da internação

O mundo sabia dos diversos problemas de saúde de Francisco pelo fato de sofrer de uma dor ciática crônica, que o força a mancar — motivo pelo qual teve que renunciar a cerimônias oficiais em algumas ocasiões. O hospital Gemelli é o centro médico onde o papa João Paulo II também foi hospitalizado em várias ocasiões e teve um tumor benigno no cólon removido em 1992.

Especulações e segredos

Em entrevistas concedidas nos últimos meses, Francisco evocou a possibilidade de renunciar, tal como fez em 2013 seu antecessor, Bento XVI, que morreu no fim de 2022. Em julho do ano passado, confessou que "já não podia viajar" com o mesmo ritmo de antes e, inclusive, mencionou que poderia se afastar. Em fevereiro, explicou que a renúncia de um papa "não deve virar moda" e que essa ideia, "no momento", não estava em sua agenda. Há um ano, ele conta com um "assistente pessoal de saúde" permanente — uma enfermeira. A saúde dos papas tem sido sempre uma "matéria reservada" para o Vaticano e mantida geralmente em segredo.

O médico e jornalista argentino Nelson Castro, amigo de Bergoglio desde que era arcebispo de Buenos Aires, apresentou recentemente, em Roma, um livro sobre a saúde dos papas e as doenças sofridas por eles desde Leão XIII (1878-1903) e falou em particular sobre o assunto com Francisco. Ele disse a Castro que havia se "recuperado por completo" e que "não havia se sentido limitado desde então". Também confessou que quando residia na Argentina tratou de dores nas costas com acupuntura chinesa, que sofria de "cálculos na vesícula biliar" e que, em 2004, teve um problema cardíaco "temporário" devido a um ligeiro estreitamento de uma artéria.